
GÊNERO

28 de abril de 2018

RIZOMA

Como a estrutura do gengibre. Multiplicando-se por si mesmo sob o solo. Cada fragmento de raiz se torna simultaneamente uma raiz central, que também se multiplica. Mesmo que um fragmento se quebre, ele continua, em seu próprio ritmo. Essa metáfora – o rizoma, de Deleuze e Guattari – é a base do modelo de trabalho do birbuçuk e forma o terreno da sessão sobre gênero também.

"Acreditamos na unidade do conhecimento. Após os anos 1980, o confinamento de cada área do conhecimento à sua própria disciplina estava errado. Arte, economia, ecologia, sociologia, filosofia – essas devem ser faladas em seus pontos de interseção."

O gênero é um dos assuntos mais determinantes nessa perspectiva holística. Não é meramente a relação entre mulher e homem. Diz respeito a toda energia, poder, relações distribuídas. Ecologia, economia, gênero são inseparáveis – estão no coração do metabolismo socioeconômico. Como os seres humanos e as comunidades se relacionam com seu ambiente, como se organizam, como a energia é absorvida, processada e expelida – essas também são questões de gênero. Após os anos 1980, toda forma de conhecimento foi confinada à sua própria disciplina – arte, economia, ecologia, sociologia, filosofia foram colocadas em caixas separadas. Esta sessão é para quebrar essas caixas.

Esta sessão é um encontro fechado e franco que prioriza o compartilhamento de histórias pessoais, experiências e ideias em vez de um formato de painel acadêmico. Cientista política, economista, diretora de arte, ativista, artista, cineasta na mesma mesa – a indisciplinaridade não é uma deficiência, mas uma escolha consciente.

PERÍODOS DE DERROTA

Uma voz que era estudante em Ancara em 1968, que passou dois anos e meio na prisão durante o golpe de 12 de março, e depois trabalhou uma década na esquerda como tradutora e editora, fala do desapontamento da experiência de ser mulher na esquerda. Descobrir a teoria feminista é tudo na mente finalmente se encaixando.

"Descobri a teoria feminista. Quando descobri a teoria feminista, me senti aliviada. Tudo na minha mente se encaixou. Entendi por que essas coisas estavam acontecendo."

Nos períodos do 12 de março e do 12 de setembro, enfrentávamos um Estado "definido", um poder político definido. Hoje uma situação muito mais ambígua está em questão – estamos no processo de construção do totalitarismo. Polarização, inimizade de vizinhos e irmãos: a análise de Hannah Arendt do totalitarismo é mais aplicável hoje do que nunca. O medo de coisas desconhecidas, a natureza muito habilmente construída desse poder – há uma situação nova, e nossas mentes não conseguem produzir respostas adequadas a essa nova situação. Trabalhar dez anos na esquerda como tradutora e editora, ter livros publicados – eram trabalhos importantes, mas a experiência de ser mulher na esquerda era diferente. A questão da mulher era sempre adiada para "depois". Um mestrado em Estudos de Gênero em Londres tornou-se um passo que aprofundou essa ruptura – quando um arcabouço acadêmico se combinou com a experiência vivida, obras como o livro Amar o Mundo Hoje nasceram.

"Digo isso porque me sinto implicada em não compreender a situação. Há uma situação muito nova na Turquia e nossas mentes não conseguem produzir respostas adequadas a essa nova situação."

Mas os períodos de derrota são úteis para o autoexame dos movimentos. O movimento das mulheres começou em 1983 precisamente num tal período de derrota — muitas dinâmicas se juntaram, as mulheres se encontraram. Uma nova descoberta e encontro: o fechamento de um período pode estar grávido da abertura de outro. A história está cheia de tais períodos — outras coisas sempre foram possíveis. Carregar esperança, lembrar a importância da esfera pública: uma vez fomos proprietárias da agenda, mesmo sem maioria numérica quase éramos defini doras de agenda. A crise climática e a guerra — essas duas grandes dinâmicas globais podem nos trazer a um "plano de humanidade." A capacidade de grandes traumas de unir a humanidade — como na fundação das Nações Unidas — se apresenta como uma possibilidade.

AS RUAS ESTÃO BLOQUEADAS?

Após Gezi, as ruas foram bloqueadas? Num período em que o Estado colocou sua guarda e o terror e o trauma fecharam a rua, podem artistas e ativistas desenvolver outras práticas?

"Fomos expulsas das ruas, mas as ruas importam. As crianças que morreram em Gezi, os traumas... As dinâmicas mudaram após Gezi."

O movimento feminista é o movimento que ainda consegue tomar as ruas — quarenta mil mulheres marcham no 8 de março. Isso não é algo a ser descartado; num período em que muitos movimentos se retiraram das ruas, o movimento das mulheres continua a estar lá. O assassinato de trabalhadoras, o casamento infantil forçado, a violência sexual — a ação de rua continua sendo a ferramenta mais poderosa contra esses. Mas além da rua há outros espaços também — e esses espaços não são alternativas à rua, mas seus complementos.

Uma professora universitária abre seu curso ao público: associação de bairro, sociologia, filosofia, arquiteta, designer de interiores, urbanista juntos. Sem hierarquia, diálogos são construídos. Perturbar a zona de conforto — encontrar pessoas que nos são estranhas. A arte assume aqui um papel alternativo: ela se infiltra por meio da narração indireta nos lugares que o discurso político direto não consegue entrar. Documentários, visuais, símbolos — uma rede de dados que se estende dos assassinatos de crianças à crise climática.

Bibliotecas vivas: descobrir que a pessoa que você chama de "Outro" é na verdade alguém como você. O desaprendizado acontece assim. Comunicar fora da polarização, criar contrapúblicos, realmente viver os comuns. Redes pequenas — manter a comunicação sólida com o merceiro, o lojista. Se mantemos essa comunicação viva no nível das bases, preservamos o potencial. Quando ficamos dentro de nossos próprios espaços sempre falamos uns para os outros — já somos pessoas que se convenceram mutuamente. A questão real é o encontro com o que nos é estranho. Perturbar a zona de conforto, criar espaços não hierárquicos — a acadêmica abrindo seu curso ao bairro, a artista levando seu estúdio para a rua. As rachaduras formadas nesses encontros podem ser mais duradouras do que as grandes rupturas.

CORPO E SÍMBOLO

Uma artista nascida em Istambul em 1982, mas levada para a Arábia Saudita com seis meses, que viveu doze anos em Jeddah. Seu pai engenheiro, sua mãe financeira, a família matriarcal e feminista — mas lá fora está o peso da sharia. Tendo assistido, com olhos de criança, como a identidade da mulher muda nas viagens entre Istambul e Jeddah, recebeu formação em belas-artes em Londres e foi a única estudante com formação muçulmana em sua turma no período pós-11 de setembro. Agora tatuagem, pintura, gravura, argila-papel, caligrafia — cada um uma forma de expressão. Ela trabalha com símbolos: vulva, útero, luz, números, símbolos de vida — sem ser muito direta, com uma intenção de cura.

"Sou alguém que usa muitos símbolos. É assim que codifico minhas obras. Lido com símbolos, números. Os símbolos de vida mais básicos, realmente."

Assassinatos de crianças, a questão das noivas infantis, estupro e violência sexual – não são notícia de segunda página. Um estupro coletivo de 29 pessoas em Mardin, um caso no assassinato Garipoğlu encerrado com três barras de ouro – cada um se torna uma obra de arte. A série "Terrorista Rosa", o projeto "Enxoval" – um conjunto de 36 pratos, apresentado como um pano de enxoval, mas com camadas de violência contra as mulheres codificadas por dentro.

Produzir com a intenção de proteção, autoproteção, empoderamento – a arte está aqui em algum lugar entre testemunho e cura. As histórias de trabalhadoras do sexo, confronto com o rosto do bebê feminino, a escultura do útero – não são preferências estéticas, mas formas de tornar visível a violência tornada invisível.

O conceito de arquitetura forense é discutido: o poder da arte de ser apresentada como evidência em tribunal. O trabalho artesanal dos povos indígenas em Standing Rock, arquitetura forense – dados artísticos se tornam dados legais. A série Karadul/Flores Noturnas torna visíveis as vidas invisíveis das trabalhadoras do sexo. Os bancos de sementes de Vandana Shiva, a biodiversidade – a guerra entre sementes locais e patentes de sementes está entrelaçada com a questão do gênero. A semelhança estrutural entre o patenteamento de sementes e o controle do corpo feminino não é coincidência.

MINHA CRIANÇA

Nascido em Istambul em 1969, infância passada em Bursa, filho de funcionário público – testemunha precoce de desigualdades e dinâmicas de gênero. Sete anos como interno no Robert College, experiência de educação alternativa no Hampshire College, um diretor que passa da Sociologia da Boğaziçi para cinema e artes de mídia nos EUA – que vê o cinema documental como instrumento de mudança social. "Muros" sobre o Muro de Berlim, um documentário de três horas sobre o exame de entrada na universidade, e o em andamento "Estilo Nuclear Turco" sobre os investimentos nucleares da Turquia – Akkuyu, Sinop, um projeto contínuo. Um documentário de longa-metragem sobre as experiências de pais com filhos LGBTI+ tem sucesso precisamente nesse desaprendizado. Quando mães e pais cujos filhos são LGBT falam para a câmera, deixam de ser "o Outro" e se tornam pais que todos podem reconhecer. Este é o poder do documentário: no momento em que você reconhece, a distância se fecha.

"Se não vai produzir agora, quando vai produzir?"

Este diretor é também uma testemunha viva da supressão institucional do assédio sexual. Tendo ensinado cinco anos na Bilgi University, chegou a chefe de departamento – então interveio no assédio sexual sofrido por três vítimas. Pressionado a pedir demissão pelo reitor. O reflexo da instituição é claro: não resolver o assunto, mas destruir a pessoa que o expôs. Esta experiência é a forma mais concreta da tensão academia-ativismo: quando você intervém em questões reais, o reflexo da instituição é te expulsar.

"Era, por exemplo, alguém que se chocou com a polícia no início dos meus vinte anos. Mas mesmo olhando para trás agora, há um ponto de interrogação, um medo em mim também."

Dois anos na Sabancı University, depois na Boğaziçi desde 2007 – consegue estabelecer uma Comissão de Prevenção de Assédio Sexual junto com o Clube de Estudos das Mulheres. Mas mesmo para isso, anos de luta são necessários. As estruturas institucionais resistem à mudança; as conquistas só são possíveis por pressão persistente e coletiva. As universidades são simultaneamente um espaço para respirar e um instrumento de supressão – essa contradição é a realidade estrutural da vida acadêmica da Turquia.

O ativismo LGBTI+ também passou por uma jornada semelhante. Um caminho começando na Sociologia da Universidade de Istambul em 2001 – o movimento anarquista, o movimento feminista, a plataforma antiGuerra do Iraque, Lambda Istambul. Quando 300–400 pessoas marcham na Parada do Orgulho de Istambul em 2005, nos anos seguintes dezenas de milhares são alcançadas – e então é proibida. Uma linha de aconselhamento é estabelecida, 10 livros são traduzidos, o trabalho prossegue em torno do conceito de heterossexismo. Oito anos de

trabalho social na Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos — o que se aprende no campo é diferente do que se aprende nos livros. A transição da ação de rua para o trabalho teórico não é uma perda, mas um aprofundamento. Ser pesquisadora independente, sindicalismo, tradução — cada um em si uma forma de luta. Devemos preservar nossa existência para poder lutar — proteger-se é pelo menos tão importante quanto a resistência.

"Em cada painel que frequentei estava fazendo anotações. Tive a oportunidade de escrever artigos."

Os partidos clássicos de esquerda foram considerados "lentos e alienantes" — os espaços da sociedade civil são preferidos. Após Gezi, o prestígio do ativismo aumentou, mas ao mesmo tempo o trauma também se aprofundou. A questão da identidade emerge: se a política é conduzida por meio da identidade, não é mais política — mas quando você é atacado deve defender sua identidade. A sensação de que iremos como um grão de poeira no universo deixa pessimista — mas mesmo dentro desse pessimismo o significado de se defender e tentar existir não se perde. Encontrar uma identidade "atribuída" em vez de se definir como mulher — o patriarcado e o heterossexismo certamente serão demolidos. Os que disseram que o mundo era redondo também foram chamados de loucos uma vez — essa convicção não é ingenuidade, mas uma resolução destilada da experiência.

Conexões são feitas da visão Zapatista de ecologia e terra para a relação entre paramilitarismo e neoliberalismo na Colômbia, do vínculo entre seca e crise climática às raízes históricas do heterossexismo. Cada conexão é um lembrete de que a luta não é local.

O DIREITO À MORADIA E A NATUREZA DA CRIANÇA

Uma jornada se estendendo de Antalya até o Quirguistão, até o Vale Alakır, até Çıralı: a moradia é um direito fundamental. Viemos ao mundo como seres humanos — comer, beber e abrigo são nossos direitos fundamentais como criaturas vivas. Quanto podemos proteger esses?

"Sempre tentei não codificar meu filho. Sempre acreditei que eles realmente... que nossa natureza sabe desde o nascimento o que queremos e o que nos faz felizes e em paz."

Prática de vida ecológica no Vale Alakır, construir casas de terra, lutas de resistência hidrelétrica — esses não são conceitos abstratos, mas experiências vividas. Cinco anos numa escola estadual no Quirguistão, formação em comunicações, depois a decisão de se estabelecer no vale em Antalya. A Grande Caminhada da Anatólia — 40 dias de Antalya a Ancara, caminhando grávida — é a expressão corporal do direito à moradia, à posse da terra e da água. A vida em Çıralı, sua filha começando o ensino fundamental — a busca por educação alternativa agora é uma necessidade concreta, não uma discussão abstrata.

A educação infantil é repensada nesse contexto. O sistema escolar ou a educação alternativa? Espaços habitáveis, na sociedade mas livres. O poder das crianças de socializar na natureza — além das palavras, tentando entender a terra.

"Quer dizer, do que estamos falando? Há coisas com urgência muito grande para o mundo em si, mas todas aquelas identidades, gêneros, fronteiras, países, políticos e assim por diante — todos voam embora."

A tensão entre ação individual e movimento social aqui assume sua forma mais concreta: a vida criada para uma criança é simultaneamente um ato político. Três casas foram construídas em Alakır — de terra, à mão, com intenção. A segunda, junto com Can Aşık — construção compartilhada, vida compartilhada. Um encontro com Vandana Shiva, bancos de sementes, a questão da biodiversidade — essas são dimensões diferentes do direito à moradia, do direito ao próprio corpo, da posse da terra. A pergunta sobre o que essas crianças se tornarão é a pergunta do futuro — a nova geração pode ser mais consciente com a internet, pode construir uma consciência universal.

CARTÃO VERMELHO E A CIDADE

Uma jornada de Kartal em Istambul passando pelo Colégio Anatoliano, de Marmara até Mimar Sinan, da Espanha ao Beirute — uma artista cuja trajetória se molda em torno da transformação urbana e da relação corpo-espaço. Participando de iniciativas de arte como o Apartment Project, trabalhando com o grupo Cartão Vermelho — mulheres que colocam seu trabalho no campo da arte das mulheres — confrontando as manifestações do sexismo no mundo da arte.

"Um estúdio em Tarlabaşı, pinturas críticas contra o projeto Kartal de Zaha Hadid, a exposição 'Onde o Fogo Cai' — 131 artistas, o 20º ano da Fundação de Direitos Humanos. Cidade, corpo e gênero são inseparáveis."

Nascida em Kartal, Istambul em 1984, ganhar uma vaga num Colégio Anatoliano foi uma grande experiência de socialização — diferença de classe, diferença de espaço, diferença de identidade foram sentidas concretamente pela primeira vez. A transição da Pintura da Universidade Marmara para Mimar Sinan, Erasmus na Espanha, um mestrado em arte-design da Yıldız Technical com Ali Artun e İnce Eviner. Residências artísticas na Itália e na Suécia em 2015, depois um mestrado informal na Ashkal Alwan em Beirute — cada passo um afastamento do centro e uma experiência de produção em contextos diferentes.

Toda a vida se molda em torno dessa consciência. A arte cria públicos alternativos pelo poder da narração indireta — ela se infiltra nos lugares que o discurso político direto não consegue entrar. A exposição "Onde o Fogo Cai" — 131 artistas, o 20º ano da Fundação de Direitos Humanos — mostra o poder da produção coletiva. Mas a pergunta sempre permanece aberta: a arte pode criar mudança real, ou é uma consolação? Essa pergunta fica sem resposta — mas não ser respondida não é uma fraqueza, é abertura.

DEIXEI A ACADEMIA

Engenharia ambiental e escultura — no estúdio de Mehmet Ali Uysal — modelagem hídrica e artes performativas, um doutorado em modelagem chuva-escoamento na Boğaziçi e daí para modelagem sistêmica de sistemas ecológicos, fundação de cooperativa e cinema documental — caminhos unidos numa pessoa, a história de sair da academia.

"Deixei a academia. A produção já havia começado a produzir muito pouco. Havia notado que a tendência de aprender também havia diminuído."

Mudar para Ancara e trabalhar numa fábrica na zona industrial organizada de Tincan — aprender com o corpo o que significa produção. Escolhendo ao retornar a Istambul fundar um coletivo baseado em relações de casa e vizinhança. Fazer cinema — curta-metragem, documentário — artes performativas, performances de "spoken word", trabalho com a Hazavuzu Kumpanyası, artes visuais no coletivo oddviz, a fundação da Cooperativa de Consumo da Boğaziçi, a Nova Rede da Diáspora — todos campos encontrados fora da academia, cada mundo operando segundo sua própria lógica. A incapacidade da academia de perturbar a zona de conforto, o fato de que o ativismo feito do lado de fora é mais vivo do que a produção feita por dentro — essa tensão ressoa por muitas vozes na sessão.

Alguém que trabalhou quatro anos no Ministério do Meio Ambiente diz que quando descobriu a teoria feminista, se sentiu aliviada. Anos passados na prisão como presa política, o desapontamento de ser mulher na esquerda, a experiência burocrática no Ministério do Meio Ambiente — tudo adquire significado quando combinado com uma perspectiva feminista. O livro Amar o Mundo Hoje é a cristalização dessa perspectiva.

O projeto Şehveti Bostan — şehvet, não şevket — são espaços de vida seguros e autossuficientes para mulheres que sofreram violência, florestas de memória, a prática de plantar árvores para amigas assassinadas. O assassinato de mulheres trans como Hande Kader torna este projeto urgente. A forma concretizada da política do desejo: colocar cuidado e memória contra a violência, cultivo contra a destruição.

O grupo de ecofeminismo estabelecido durante o período Gezi fez essa conexão — ecologia e feminismo são duas faces da mesma luta. A semelhança estrutural entre a subjugação da natureza e a subjugação do corpo feminino

não é coincidência, mas sistêmica. Capitalismo, patriarcado e destruição ecológica bebem da mesma raiz — essa análise não é uma abstração acadêmica, mas o conhecimento de mãos plantando árvores no Şehveti Bostan. Florestas de memória — cada árvore plantada para uma amiga assassinada, ao mesmo tempo luto e resistência, perda e esverdeamento.

NUM LUGAR MULTIDIMENSIONAL

A palavra final da sessão é o reconhecimento da multidimensionalidade.

"Estamos num lugar genuinamente muito multidimensional. E é preciso tentar estar consciente de cada dimensão, eu acho. Se cada pessoa lida bem com uma coisa, muitas soluções são produzidas."

Os fundamentos para o pessimismo são reais: a construção do totalitarismo, a polarização, o bloqueio das ruas, o trauma. 12 de março, 12 de setembro, Gezi — cada um uma ruptura, cada um uma ferida. Mas a esperança não está adormecida. A possibilidade de grandes traumas unindo a humanidade — a crise climática e a guerra podem nos trazer a um "plano de humanidade", assim como as Nações Unidas foram fundadas. A nova geração é mais consciente com a internet. O patriarcado e o heterossexismo certamente serão demolidos — carregar essa convicção não é ingenuidade, mas uma forma de resistência.

"Isso certamente acontecerá. Os que um dia disseram que o mundo era redondo também foram chamados de loucos. Quero ter esperança de que isso certamente acontecerá."

As vozes que se reuniram nesta sessão — cientista política, ativista LGBTI+, praticante de vida ecológica, artista feminista, cineasta documentarista, sindicalista — pessoas que passaram pelos momentos políticos da Turquia, percorreram caminhos do 12 de março até Gezi, do Lambda Istanbul até o Vale Alakir, que enfrentaram o totalitarismo sem se render. A pergunta — arte ou rua, academia ou coletivo? — é uma pergunta errada. Como um rizoma, uma rede que se multiplica por si mesma sob o solo, cada uma capaz de se tornar uma raiz central, continuando mesmo que quebrada. A indisciplinaridade não é uma deficiência, mas um modo de ser. Ecologia, gênero, arte, organização — não são lutas separadas, mas dimensões diferentes da mesma luta. A mão que funda um banco de sementes e a mão que codifica violência em um conjunto de pratos, o olho que filma um documentário e o olho que constrói uma casa de terra — todos são pontos nodais da mesma rede. Trabalhar em cada uma dessas dimensões é a coisa mais significativa que pode ser feita em tempos sombrios.